



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

O XIV Congresso Internacional dos P. E. N. Clubes (1936): intelectuais, cultura e política no entre guerras

Mateus Américo Gaiotto¹

Resumo: O artigo analisa os debates políticos ocorridos no XIV Congresso Internacional dos P.E.N. Clubes, organizado pelo centro argentino da associação na cidade de Buenos Aires, no ano de 1936, com o objetivo de mostrar o impasse entre cultura e política vivido pelo grupo intelectual, representado no microcosmo do congresso em questão, frente aos professados ideais apolíticos do PEN. Evidenciam-se, dessa forma, as contradições internas que precisavam ser equalizadas pelos membros do PEN, principalmente, no que respeitava às relações entre a intelectualidade e o engajamento político, vínculo ora desestimulado, ora incontornável. As distintas posições nesse debate se explicam através dos efeitos da experiência traumática do pós-guerra, bem como, com base nas trajetórias individuais dos pensadores que se entregaram a essas discussões.

Palavras-chave: P.E.N. Clube; XIV Congresso Internacional dos P.E.N. Clubes; Intelectuais.

Abstract: The article analyzes the political debates that took place at the XIVth International Congress of P.E.N. Clubs, organized by the association's Argentine center in the city of Buenos Aires in 1936 to show the impasse between culture and politics experienced by the intellectual group, represented in the microcosm of the congress in question, against the professed apolitical ideals of PEN. In this way, the internal contradictions that had to be equalized by the members of the PEN, especially with regard to the relations between the intellectual and the political engagement, are shown, a link sometimes discouraged, other times unavoidable. The different positions in this debate are explained by the effects of the post-war traumatic experience, as well as by the individual trajectories of the thinkers who gave themselves to these discussions.

Keywords: P.E.N. Club; XIV International Congress of P.E.N. Clubs; Intellectuals.

Introdução

No dia 13 de janeiro de 1898, no jornal francês *L'Aurore*, foi publicada uma carta aberta ao presidente da França, Félix Faure (1841-1899), sob o título “*J'accuse...!*”. Escrita e assinada pelo escritor francês Émile Zola (1840-1902), a missiva destinava-se a reacender as discussões a respeito da acusação e da condenação do capitão do exército francês Alfred Dreyfus,

¹ Mestre em História pela UNESP (Faculdade de Ciências e Letras, Assis), na área de História e Sociedade. Visitor Researcher of the Institute for Historical Studies (IHS) - University of Texas at Austin (2017-2018).

A consulta às fontes presentes no Harry Ransom Center, da Universidade do Texas em Austin, foi possível graças ao financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por meio de bolsa BEPE, processo: 2017/03440-2. Contato: gaiotto.mateus@gmail.com

denunciado por suposta traição e espionagem em 1894 (ZOLA, 2010). A carta de Zola e seus desdobramentos ensejaram uma reorientação nas relações entre escritores e os embates políticos e sociais do seu tempo, patente na proeminência adquirida pelos primeiros. O chamado “*Affaire Dreyfus*” destacou-se por criar no imaginário da época o perfil do intelectual, um personagem combativo, sempre em busca da justiça e da verdade, cujo destaque provinha de competências e habilidades que o qualificariam para assumir a missão de conduzir a ação e o pensamento da população de acordo com os preceitos da razão e da mais pura integridade moral.

Contudo, a experiência traumática da Grande Guerra (1914-1918) contribuiu para disseminar, pelo menos em parte da intelectualidade, a aversão às paixões políticas, tidas como responsáveis por parte dos eventos. Assim, esses pensadores propugnavam a necessidade de permanecerem no seu campo de especialidade, sem se imiscuírem nas discussões e nos descaminhos do político.

Foi justamente nesse cenário que surgiram diversas associações internacionais, entre elas, algumas com a finalidade de evitar a repetição de conflitos armados, como foi o caso da Sociedade das Nações (Liga das Nações, 1919-1946).² Dentre os diversos órgãos que a constituíam, em 1922 foi criada a Organização Internacional de Cooperação Intelectual (OICI), o que dá bem a medida da importância e da relevância atribuídas à cultura e à intelectualidade nos projetos destinados a garantir o reestabelecimento da ordem e do desenvolvimento mundial após 1918.

A OICI, como destacou Souza, tinha por objetivo coordenar e fomentar todas as ações de caráter cultural pelo mundo e foi um dos poucos órgãos da Liga das Nações que efetivamente funcionou, contando com recursos próprios e boa dose de autonomia:

A organização tinha como missão *estudar para agir*, ou seja, o conjunto de documentos, informações e idéias que ela reunia ao longo dos trabalhos de suas subcomissões fazia parte do “patrimônio espiritual da humanidade” e tinha como finalidade servir a objetivos concretos e precisos “como a construção de uma verdadeira solidariedade entre as nações”.³

Com finalidade e abrangência diversa, já que não se tratava de reunir países em torno de questões comuns, mas mantendo a ideia do papel da intelectualidade e cultura como prioridade em tempos de guerra, em 1921 a poetisa inglesa Catherine Amy Dawson-Scott

² Criada em junho de 1919, durante a Conferência da Paz que estabeleceu o Tratado de *Versailles*, a Sociedade das Nações tinha como meta precípua reunir em um organismo representantes dos mais diversos países com vistas a assegurar a paz entre as nações.

³ Arquivo Histórico do Itamaraty. A organização internacional da Cooperação Intelectual. Pasta: Divisão Cultural – Informações e Relatórios – 1934-1944. Referência: 135/5/5. Apud: SOUZA, Letícia Pumar Alvez de. Por uma ciência universal: a atuação de intelectuais brasileiros no projeto de cooperação intelectual da Liga das Nações (décadas de 1920 a 1940). In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. ANPUH. São Paulo, julho 2011.

(1865-1934) fundou, na cidade de Londres, o PEN (acrônimo para “*Poets, Essayists and Novelists*”, posteriormente ampliado para “*Poets, Playwrights, Essayists, Editors and Novelists*”). Com o intuito de promover o intercâmbio cultural entre os escritores de todo o mundo, sem distinções raciais, religiosas, literárias ou ideológicas, tal perspectiva manteve-se durante os primeiros anos do clube e ganhou destaque, principalmente, devido à atuação do escritor e primeiro presidente da associação, John Galsworthy (1867-1933). Segundo um dos estudiosos da agremiação:

The focus that Scott and Galsworthy placed on the free exchange of ideas involved a particular philosophy of neutral non-intervention. Hermon Ould describes Galsworthy's deliberate attempts to keep PEN free from politics and to allow different PEN centres their own points of view: “When he thought action could be usefully taken by writer, he was always at pains to see that the P.E.N. was not involved in any steps which lay outside its province. More than once, when cases of what seemed like injustice came to my notice or to his, he contrived to do something independently of the P.E.N.”. This desire to steer clear of politics involved both a recognition of cultural differences and a skepticism about whether writers should or could be signed up to a particular political programme or philosophy, [...]. The outward-looking spirit of the organization was one that energized its quick expansion beyond Europe in the late 1920s. PEN organizations sprang up in Iraq, Egypt and Argentina in the late 1920s, in India in 1933, China in 1934, and Japan in 1936. Each centre was founded on the literary or philosophical interests of local writers or intellectuals, combined with the desire to connect up with a worldwide network of writers (POTTER, p. 72-73).

Ao longo da década de 1920, quando Dawson-Scott e Galsworthy estiveram à frente do clube, este manteve-se alheio aos debates políticos, o que se alterou diante dos desdobramentos da crise econômica norte americana de 1929 e, principalmente, depois da ascensão de Adolf Hitler ao governo alemão em 1933. Frente à conjuntura então vivida, a proposta estritamente literária do PEN não conseguiu resistir e os embates de um mundo em efervescência acabaram por se impor, mas não sem resistência.

Já em 1927, anos antes das crises citadas, o clube estabeleceu as bases que, em 1948, transformaram-se na sua carta de princípios, documento base da ação de seus centros em todo o mundo.⁴ O documento preliminar era composto por três partes, todas escritas por Galsworthy

⁴ A carta de princípios do PEN, aprovada oficialmente em 1948 durante o congresso de Copenhagen, estabelece: “1- Literature knows no frontiers and must remain common currency among people in spite of political or international upheavals. 2- In all circumstances, and particularly in time of war, works of art, the patrimony of humanity at large, should be left untouched by national or political passion. 3- Members of PEN should at all times use what influence they have in favour of good understanding and mutual respect between nations and people; they pledge themselves to do their utmost to dispel all hatreds and to champion the ideal of one humanity living in peace and equality in one world. 4- PEN stands for the principle of unhampered transmission of thought within each nation and between all nations, and members pledge themselves to oppose any form of suppression of freedom of expression in the country and community to which they belong, as well as throughout the world wherever this is possible. PEN declares for a free press and opposes arbitrary censorship in time of peace. It believes that the necessary advance of the world towards a more highly organised political and economic order renders a free criticism of governments, administrations and institutions imperative. And since freedom implies

por ocasião dos debates acerca da natureza política ou não-política do clube, ocorridos durante o IV Congresso Internacional dos PEN Clubes em Berlim, 1926.

- 1- Defenderá a livre circulação das obras literárias em todos os países, sem embargo de dissensões internacionais;
- 2- Defenderá as obras de arte, batendo-se para que, ainda mesmo em caso de guerra, sejam respeitados como patrimônio da humanidade;
- 3- Trabalhará pela concórdia entre as nações sem prevenções raciais ou políticas.⁵

A tomada do poder pelo partido nazista em 1933, as constantes perseguições aos intelectuais alemães e as diversas queimas de livros realizadas por aquele governo, coincidiram com a eleição do novelista Herbert George Wells (1866-1946) para a presidência do PEN, o que implicou em significativa alteração nos rumos da instituição. Wells, diferentemente de Galsworthy, chegou à presidência do clube com uma proposta de ação efetiva, de combate frente aos governos autoritários e suas práticas de censura e perseguição à elite pensante. Em 1935, em um de seus discursos como presidente da entidade, declarou:

*The world is in a state of unexampled crisis. Wars and revolutions, violent external and internal struggles threaten mankind almost everywhere: You do not want me to talk Politics. I am very much of opinion that Literature, Science, the Arts of Expression and Statement are something more important than politics and something above politics. [...] If we could, we should avoid Politics altogether. But what if Politics and Politicians and Police and Soldiers and so forth lift themselves up and presume to lay hands on literature and science? What if they attack books? What if they attack that free movement of the human mind which we call science? What then? Can the P.E.N. Club still remain serene and say it has nothing to do with Politics?*⁶

O autor de *A máquina do tempo* analisava com perspicácia os dilemas do seu tempo, num momento em que os governos e movimentos totalitários espalhavam-se e as ameaças de um possível conflito pareciam cada vez mais presentes. De fato, essas questões ensejaram obras importantes na busca pelo entendimento desse novo contexto em que se estabelecia o debate a respeito do declínio da fé na ciência, como destacou o filósofo e historiador Norberto Bobbio: “No início do novo século, o cientificismo exasperado e pretensioso dos positivistas havia gerado, como contragolpe, a restauração de filosofias irracionalistas” (BOBBIO, 1997, p. 41), problema que atingia diretamente os intelectuais.

voluntary restraint, members pledge themselves to oppose such evils of a free press as mendacious publication, deliberate falsehood and distortion of facts for political and personal ends”. PEN Charter. Disponível em: <http://www.pen-international.org/pen-charter/>. Acesso em 10 novembro de 2017.

⁵ P.E.N. Clube do Brasil. *Boletim*, Ano I, n.1, p.2, jul. 1936.

⁶ XVIII International Congress of P.E.N. Clubs. Appendix II. p. 122. PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin.

Uma das bases dessa reação encontra-se na obra de Julien Benda (1867-1956), *La Trahison des clercs* (1927), referida por Bobbio. O autor denunciou as paixões de seu tempo como espécie de “ódio à inteligência” e, como destacou Bobbio, partiu de “uma premissa geral: o nosso tempo conheceu, mais do que qualquer outro, a intensificação e a universalização das paixões políticas”⁷ e, somado a elas, o nacionalismo exacerbado, representado pelo fascismo.

Esse panorama denunciado por Benda e que, segundo ele, dominava o cenário internacional, faz do PEN, com seu ideal de irrestrita inclusão e união entre escritores de todo o mundo, um objeto privilegiado para uma análise detida das questões e das tensões que atravessavam o mundo da cultura naquele momento. Por ocasião do XIV Congresso Internacional dos PEN Clubes, ocorrido em 1936 em Buenos Aires, o embate entre os que advogavam a defesa da neutralidade política do PEN e os que clamavam pela tomada de posição diante da conjuntura daquele momento, recolocou em pauta a função social do intelectual, daí o particular interesse em acompanhar o desenrolar desse evento.

O Congresso de 1936

Por muito tempo a imagem da Argentina e do Brasil, os dois países sul americanos de maior proeminência, foi construída menos por uma política de aproximação recíproca do que pelo interesse de estreitar laços com as potências europeias, principalmente França e a Inglaterra, e os Estados Unidos. Com uma população em expansão e os investimentos na cidade seguindo a mesma lógica,⁸ o centro argentino do PEN decidiu, em 1933, candidatar-se à sede de um dos congressos internacionais da agremiação, realizados desde 1923, e que reunia uma seleção de notáveis escritores em torno de programas administrativos e sociais para reforçar os princípios defendidos pela entidade.

Ser eleito para receber eventos dessas proporções, portanto, poderia sugerir que, finalmente, europeus e norte-americanos voltariam sua atenção para o continente e que se iniciaria uma troca cultural efetiva, ainda que fossem os sul-americanos caracterizados como culturas relativamente recentes e em formação. Não à toa, o centro argentino do PEN, confrontado pelo comitê executivo do clube dois anos após submeter seu pedido, a respeito da viabilidade de um congresso mundial na América do Sul, devido a distância e aos altos custos

⁷ Idem. p. 45.

⁸ “The population of the city of Buenos Aires increased more than eightfold between 1869 and 1914, from nearly 178.000 to more than 1.5 million. Another million more people lived in Buenos Aires when census takers counted residents in 1936”. BROWN, Jonathan. *A brief History of Argentina*. Facts On File, 2003, p.154.

da viagem,⁹ declarou arcar com todas as despesas de transporte e estadia dos delegados internacionais do clube que estivessem interessados em participar do evento, além de proporcionar descontos para os demais membros da associação:

“Argentine Congress: The Committee expressed its concern lest matters of vital importance should be disposed of at the Argentine Congress at which in the nature of things a small attendance was to be expected, and suggested that the matter should be brought up at the Congress in Barcelona for decision.”¹⁰

“Argentine Congress: It is announced that the Argentine P.E.N. is prepared to pay the travelling expenses and give hospitality to the official delegates to the Congress next year.”¹¹

Vencida a eleição, Buenos Aires preparava-se para tornar-se um centro cultural, pelo menos durante alguns dias, pois não apenas seria a sede do congresso em questão, mas também receberia uma das reuniões do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual,¹² como fez questão de enfatizar o escritor francês Jules Romains (1885-1972) durante seu discurso em nome das delegações estrangeiras, na Sessão de Abertura do evento:

*Buenos Aires is going to be, with a brief interval, the seat of two gatherings to which the world is sending its delegations: The Congress that we open today and the conversations of the International Institute of Intellectual Cooperation.*¹³

Entre 5 e 16 de setembro de 1936, então, realizou-se o XIV Congresso Internacional dos P.E.N. Clubes, que reuniu 86 delegados oficiais e convidados de honra do PEN Clube, representando 47 centros (dos 60 totais, sendo dois deles “*non-geographical centres*”)¹⁴ e um

⁹ Preocupava a duração da viagem, que chegava aos 30 dias entre ida e volta de Londres, o que impediria os escritores mais idosos ou adoecidos de comparecer ao evento, incluindo o presidente da associação, H. G. Wells. XIVth International Congress of the P.E.N. *PEN News*, n.80, mai. 1936, p.3.

¹⁰ *Minutes of Executive Committee*. 01 may 1935. p.4. PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin.

¹¹ *Minutes of Executive Committee*. 23 oct. 1935. p.3. PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin.

¹² O Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, assim como o PEN, surgiu, como destacou Juliette Dumont, “*Dans le contexte particulier d’un entre-deux-guerres nourri d’utopies pacifistes et de rêves de paix perpétuelle, la coopération intellectuelle apparaît en effet comme l’un des moyens possibles pour prévenir les conflits*”. DUMONT, Juliette. *L’Institut International de Coopération Intellectuelle et le Brésil: le pari de la diplomatie culturelle*. Collection “Chrysalides”, n°4, éditions de l’IHEAL, 2008, p.12.

¹³ *XIV: International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p. 28.

¹⁴ Entende-se por “*non-geographical centers*” os centros que não representavam um país, e sim, um grupo com características em comum, até mesmo a nacionalidade, como o centro de escritores alemães, retirado da Alemanha pelo governo nazista, e o centro Yiddish, que reunia escritores em torno de uma língua em comum.

total de 39 países (Quadro I),¹⁵ além, é claro, de diversos outros membros da associação, autoridades, correspondentes de outras entidades literárias e do público em geral.

Quadro I: Centros e Delegados do P.E.N. Clube presentes no XIV Congresso Internacional do clube. Buenos Aires, 1936.

Argentina	Victoria Ocampo Carlos Ibarguren Manuel Galvez Juan Pablo Echagüe Eduardo Mallea Antonio Aita	Irak	Majid Khaduri
Austria	Raoul Auernheimer Stefan Zweig**	Ireland	Seamus MacCall
Australia	Ruth Bedford	Italy	(Center of Rome) F. T. Marinetti (Center of Milan) Enzo Ferrieri Giuseppe Ungaretti** Mario Puccini**
Belgium	(French-speaking) Louis Pierárd Lucien-Paul Thomas (Flemish-speaking) Auguste Vermeylen Ernest Claes Henri Michaux**	Japan	Toson Shimazaki Ikuma Arishima
Bolivia	Juan Francisco Bedregal Alcides Arguedas	Latvia	Janis Karklins
Brazil	Cláudio de Souza Christovam de Camargo Afrânio Peixoto**	Mexico	Algonso Reyes
Bulgary	Svetoslav Minkoff	New Zealand	Johannes C. Andersen
Canada	Victor Barbeau	Norway	Charles Kent
Colombia	B. Sanin Cano	Palestine	Saul Tchernichowsky

¹⁵ Segundo relatório de 1937, o P.E.N. Clube contava naquele ano com um total de 60 centros, em 42 países e, em uma estimativa conservadora, em torno de cinco mil membros. "XVth Interntional Congress of the P.E.N. Paris, 20th June, 1937. General Secretary's Report". PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin.

	Daniel Arias argaez		
Chile	Maria Flora Yanêz de Echeverria Domingo Melfi	Poland	Jan Parandowsky
Czechoslovakia	F. Kaderabek	Portugal	Fidelino de Figueiredo
Egypt	Mohamed Awad	Rumania	C. Athanassio-Benisti
England	Hermon Ould Beatrice Kean Seymour R. H. Mottram Norah Rowan Hamilton* R. Hamilton*	Scotland	William James Entwistle Ida Hayward* Magie T. Brown*
Estonia	Hohannes Semper	Spain	(Center of Madrid) Enrique Diez Canedo Melchor de Almagro San Martin Jose Maria Salaverria (Center of Barcelona) Carlos Soldevila Pedro Corominas Jose Ortega y Gasset** Gabriel Alomar** Joan Estelrich**
Finland	Hans Ruin	Sweden	Carl August Bolander
France	Jules Romains Benjamin Crémieux Georges Duhamel** Jacques Maritain** Jules Supervielle** International Institute of Intellectual Cooperation Dominique Braga	Switzerland	Emanuel Stickelberger
Group of Germanic Writers	Emil Ludwig Mms. Emil Ludwig	United States of America	(Center of New York) J. Donald Adams (Center of Chicago) Harriete Monroe
Holland	N. A. Donkersloot	Uruguay	Emilio Oribe Alberto Lasplaces

	Marie Louise V. Bt. Croiset Van Uchelen		Carlos Reyles**
Hungary	Antoine Rado	Yugoslavia	(Center of Ljubljana) Paul Golia (Center of Zagreb) Branimir Livadic (Center of Belgrade) Vladeta Popovic
Iceland	Halldor Kilian Laxness	Yiddish	H. Levick
India	(Center of Bombay) Sophia Wadia (Center of Calcutta) Kalidas Nag		

*Not Delegates either Guests of Honor.

**Guests of Honor

Recepcionados no *Hall of the Consejo Deliberante, the head-quarters of the Municipality* pelo Presidente da Argentina, General Agustin P. Justo (1876-1943), o Congresso foi oficialmente aberto com o discurso do presidente do centro argentino do PEN, Dr. Carlos Iburguren (1877-1956). As palavras de Iburguren informam sobre o ambiente literário daquele momento:

*It is soothing and encouraging in times of misery, hatreds and social struggles, to witness this cordial meeting of writers of the most varied tendencies and doctrines, who have come from all parts of the world to discuss subjects relative to literature; Thought and speech are threatened, and it might be said that we are witnessing the decline of culture.*¹⁶

Com razão, aquele não era um momento qualquer para a intelectualidade, tampouco o evento comparava-se aos demais organizados pela associação. O evento de 1936 particularizou-se, de saída, por suas dimensões. “*No fewer than nine sessions were devoted to business, as against the four or five which have sufficed in former years [...]*”,¹⁷ declarou o então secretário, Hermon Ould (1886-1951), em seu relatório.

¹⁶ XIV: *International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p.17.

¹⁷ Fourteenth International Congress of the P.E.N. Buenos Aires: 5-16 Sept. 1936. p. 1. PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin. Outra alteração frente aos demais Congressos realizados pelo PEN foi a aceitação da língua espanhola como uma das línguas oficiais junto do Francês, Inglês e Alemão, devido ao grande número de falantes do espanhol.

Com a presença de figuras ilustres da literatura, a grande maioria das quais nunca havia visitado a América do Sul, o evento configurou-se como um acontecimento único. Divulgado em grande escala pela imprensa da época, não somente na Argentina, mas também no Brasil, país no qual vários dos navios que transportavam as elites literárias de distintas nações fizeram escala, o evento foi comentado de maneira elogiosa – e até mesmo laudatória – como se a simples presença das personagens ali reunidas indicasse o avanço do continente rumo à erudição, bem como agregasse novos significados à sua produção intelectual.

Ao tomar, a título de exemplo, algumas das reportagens que circularam pela imprensa brasileira naquele momento, percebe-se o destaque dado apenas às figuras europeias em meio a um evento de proporções internacionais, sinalizando para esse imaginário eurocêntrico.

**UM CONGRESSO MUNDIAL DE ESCRIPTORES
EM BUENOS AIRES**

**A CHEGADA AO RIO DE VARIAS FIGURAS DOS P. E. N. CLUBS
DA EUROPA .**

Chegam hoje e amanhã ao Rio alguns grandes escriptores de projecção universal, que vão, caminho de Buenos Aires, tomar parte no XIV Congresso Mundial dos P. E. N. Clubs, a realizar-se em Setembro proximo na capital argentina.

E' a primeira vez que se realiza na America do Sul um Congresso daquellas associações de escriptores, as quaes, espalhadas pelo mundo inteiro, se acham hoje federadas, sob a presidencia do grande moralista ingles Wells.

O Rio já possui tambem o seu P. E. N. Club, do qual fazem parte muitos dos nossos mais illustres escriptores. Preside-o o Sr. Claudio de Sousa, da Academia Brasileira de Letras.

contradis o espirito scientifico, o sentimento religioso será uma realidade inilludivel, em todas as sociedades e em todos os tempos verificavel, que a psychologia individual e collectiva explicam plenamente. Ora nos estrictos dominios da sensibilidade pessoal, ora mais dominadoramente em instituições poderosas, elle sempre existiu, e investir com elle será um pouco como esgrimir contra os moinhos, porque nenhum legislador do mundo conseguirá jamais modificar a psyché humana, em cujos fundamentos elle reside".

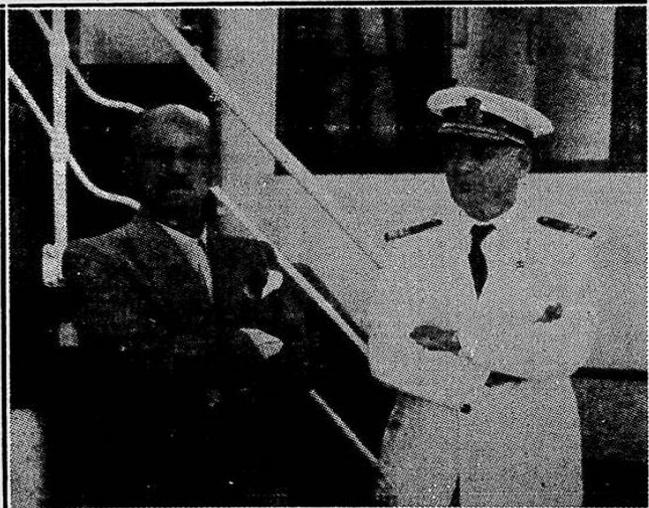
Jacques Maritain

Um Congresso mundial de Escriptores em Buenos Aires. *Jornal do Commercio*. Anno 109, n° 267, 9 ago 1936, p. 10.

MARINETTI DE PASSAGEM — PELO RIO —

Não está terminada a missão do futurismo

A GUERRA DA ABYSSÍNIA FOI, POR EXCELLENCIA, FUTURISTA

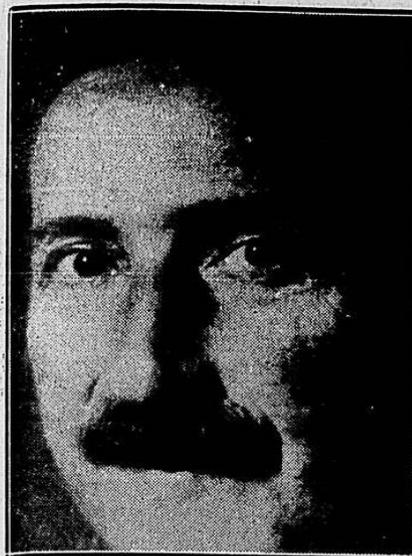


Emilio Marinetti e o commandante Alessandro Gaduli, do "Neptunia"

Marinetti, Emilio Marinetti, da ouvem mais os assobios e as agrada, e dá um salto aos cam-
Academia Real da Itália, nassou valas. Mas não tal. Marinetti a nos e aos cumes das montanhas

STEFAN ZWEIG

CHEGA HOJE AO RIO ESSE ILLUSTRE REPRESENTANTE DO ESPIRITO EUROPEU



Stefan Zweig

"Un clero qui n'a pas trahi", Marceline Desobres-Vaimore,
de que se poderia e se deveria. Fosse a cultura da literatura

Esquerda: Marinetti de Passagem pelo Rio. *Correio da Manhã* – Rio de Janeiro, Anno XXXVI, nº12.814, 21/09/1936, p.3. Direita: Stefan Zweig. Idem.

A repercussão do congresso na imprensa, fosse no Brasil ou na Argentina, tanto quanto a curiosidade e afluência do público em geral, surpreendeu os organizadores do evento, o que tornou insuficientes as instalações originalmente reservadas para o congresso:

*The public was admitted by ticket to all sessions and the accommodation available soon proved to be quite inadequate. All the gangways, and staircases were occupied, and even the steps of the platform were besieged by an eager and clamorous public. This preponderance of non-members inevitably influenced the character of the proceedings and made intimate discussions of P.E.N. policy if not impossible at least undesirable.*¹⁸

Em resumo, o programa oficial do congresso compreendia eventos de diversas naturezas, todos destinados apenas aos delegados oficiais e convidados do evento: “*Recepción ofrecida por la Junta de Historia y Numismática Americana*”, “*Visita a una estancia*”, “*Almuerzo ofrecido por el Jockey Club*”, “*Representación de una obra de carácter gauchesco*”, “*Función de gala en el Teatro Colón*”, “*Recepción de la Comisión Nacional de Cultura*”, “*Recepción en la Academia Argentina de Letras*” e um banquete.¹⁹

¹⁸ Idem. p.2.

¹⁹ Ordem del dia del Congreso. Programa. Buenos Aires, 1936, s/p. PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin.

Somados a essa gama de cerimônias e solenidades, os debates, esses, que constituíam na razão de ser do evento, tiveram como temas centrais dois assuntos pré-estabelecidos pelo Comitê Executivo do clube. O primeiro nomeado “*Intelligence and Life*”, delegado ao centro francês, representado pelos escritores Jules Romains e Benjamin Crémieux, e o segundo, “*The Future of Poetry*”, organizado pelo centro alemão.²⁰ O objetivo da escolha desses dois temas, segundo o próprio comitê, era o de proporcionar um debate amplo e que pudesse ter contribuições de todos os centros, pois, teoricamente, diziam respeito de forma unânime aos homens e mulheres de letras ali reunidos.

O congresso contou ainda, com exposições a respeito de outros assuntos, tais como: “*The problem of translations*”; “*Scheme for exhibitions of a literary character*”; “*Scheme for starting an international review of the P.E.N.*”; “*Free interchange of literature*”; “*Social assistance to writers*”; “*Protection of the rights of authors*” e “*The social function of the writer*”.²¹ Esses tópicos, por estarem fora do escopo principal do evento, não ocasionaram debates devido ao tempo destinado a eles, diferentemente do que se planejava para as teses principais, estas sim voltadas ao amplo debate.

O papel dos escritores

Victoria Ocampo (1890-1979), reconhecida editora e delegada do centro argentino do PEN, foi a primeira a expor a respeito do papel da “*Intelligence and life*”. Posicionando-se como uma “*common reader*”,²² usou do exemplo de Aldous Huxley, em seu livro *Eyeless in Gaza* (*best-seller* publicado naquele mesmo ano, 1936), no qual o protagonista, sentado em lugar privilegiado do espetáculo, utiliza de seus óculos de ópera para observar o comportamento, que ele chama de “*idiot*”, praticado pelas pessoas abaixo. Porém, desconfortável com a situação, o personagem busca agir para tirar essas pessoas desse estado, demonstrando a ideia central da autora para aquele tema.

²⁰ Dentre seis temas possíveis, três foram propostos pelo centro argentino (*The Function of the author in society, Diffusion of literary works and their interchange among the different countries* e *Assistance to Writers*) e outros três pelo próprio comitê executivo (*Americanism, Intelligence and life* e *Poetry and Life*). 14th International P.E.N. Congress in Buenos Aires. *PEN News*, n.76, jan. 1936, p. 3.

²¹ XIV: *International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: *Speeches and Discussions*. Buenos Aires, 1937. p. 291-294.

²² Segundo Ocampo: “By ‘*common reader*’, Johnson and Virginia Woolf (whom I quoted in my exposition), mean the reader who reads for his own pleasure, not with a view to correcting other people’s opinions or spreading their learning. He is neither the critic nor the scholar, nor, of course, the specialist. But he is naturally endowed with literary sensibility, which means that he belongs to an élite of readers. Not to mention the fact that reading books is nowadays tantamount to belonging to an élite, since most people content themselves with reading newspapers”. *Idem*. p. 180.

The “common reader” believes in the acting power of intellectual and spiritual influences more than in all other forces, because he has experienced it. He believes that this power weights on the destinies of peoples because it has weighed on his own. He knows it to be more effective, after all, than that of armies or of money. And this is why he asks you, in this moment of crisis and of universal affliction, no longer to be sitting, but standing; not to want glasses for looking at things that happen, but to get sufficiently near them as to behold them at first sight. And he hopes that you will, notwithstanding this loss of distance, speak on the plane of intelligence of what you see.²³

Assim como Ocampo, outros foram os escritores que pediram ação, direta ou indiretamente, por parte dos homens de letras frente aos diversos ataques contra a cultura. O caso mais incisivo nessa questão foi o discurso do representante do centro chileno, Domingo Melfi (1892-1946). Para ele, afora os problemas globais, havia uma questão continental a respeito da desigualdade entre a produção e ação cultural/literária, e a segunda era instrínseca para parte delas.

America is working her own culture slowly, without pretensions to surpass the mother cultures. For besides technique, there is an American flesh, an American sensitiveness, an American sorrow, an American desperation. That is the work of native American writers. And the gist of their social function is this: to reveal sorrow and to make it more bearable.

The great American novels that Europe ignores – that Europe perhaps ignores in an absolute manner – involve the beginnings of a spiritual revolution. That is, they are the first symptoms of a crusade for liberation in the realm of art, since they rescue from grief human beings, to place them in an atmosphere of justice. The great novelists of our America, unknown in the rest of the world, marked out perhaps involuntarily the ways of the social function of writers, which we seek today; a function that is no mean politics, nor inscription in any given party or revolutionary group, but heroic determination to make known where wounds are bleeding, where and why clenched fists are threatening, where the laments of the vanquished are bitterly and irritatingly resounding. The writer’s function, in short, means identification with the truth and with the spirit of these countries living in a state of permanent social tragedy.²⁴

Utilizando-se da história e da literatura, o escritor acabou por enfrentar o cerne dos ideais do PEN. Junto do discurso de Ocampo, já de início os escritores demonstravam sua insatisfação com o papel do clube naquele contexto e buscavam mostrar a impossibilidade em separar política e produção cultural.

Por outro lado, incitar a ação representava, de certa forma, incitar o combate, ou pelo menos a resistência, e mesmo essa última, ligava-se às questões do espectro político, tão evitado pela agremiação. Geoges Duhamel (1884-1966), representante do centro francês, logo após a

²³ Idem. p.49.

²⁴ XIV: *International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p. 94.

fala de Ocampo, buscou advertir seus colegas dos perigos aos quais estavam sujeitos o pensamento e os pensadores:

The parties engaged in political strife have made, especially since the beginning of the twentieth century, the greatest efforts to win over scientists, artists, and above all writers, to action. Estimating in its exact worth the credit that writers enjoy at the bar of public opinion, partisans spare no exertion in order to procure such precious cards for their game. Writers, therefore, are mainly entreated by extreme factions.²⁵

Apesar de concordar com o lugar privilegiado no qual os intelectuais se encontravam, ponto destacado na fala de Ocampo, Duhamel temia que essa lente não fosse suficientemente resistente aos extremos políticos, indício de que, além de temer a guerra e todos os desenvolvimentos do conflito, também havia o receio de comprometer a capacidade intelectual, talvez, incapaz de resistir a tais argumentos que, num futuro próximo, poderiam se revelar constrangedores.

Ainda assim, as reações frente ao modelo do PEN continuaram e mostravam-se advindas dos intelectuais naturais de regiões à margem dos grandes centros culturais europeus. Durante a sessão da manhã do dia 10, três dias depois da fala de Duhamel, a escritora Sofia Wadia (1901-1986), representante do centro indiano – então colônia inglesa - pronunciou-se a respeito da “*philosophy in the life of the masses*” e, embora compartilhasse da visão de Duhamel a respeito dos abusos políticos, não defendia uma análise detida e afastada por parte dos intelectuais.

Politicians are in a position to impose their power directly on the mind of the multitude. Whether they be rigid dictators or convincing democrats, the masses regard them as useful instruments of the improvement and perfecting of life; and for this reason, politicians today exceed popes and bishops, physicians and engineers, and even poets and novelists, in gathering followers. So enormous are the power and influence of political men, that popes and bishops, as well as scientists and men of letters, become their humble slaves. Politicians determine and command to whom religious preachers should apportion their blessings or their maledictions; politicians compel scientists to manufacture poison gas and death-dealing shells; politicians have already begun – very successfully in some countries – to get from poets and playwrights the special literature they require.²⁶

Colocava-se então o problema. Ao mesmo tempo em que a política e os políticos davam força e poder de ação para os intelectuais que posicionavam-se ao seu lado, dotando-os da visibilidade necessária e fundamental na sua missão privilegiada de orientar as massas e conduzi-las rumo a um futuro próspero, essa mesma aliança, retirava dos intelectuais um de seus bens mais preciosos: a liberdade de expressão.

²⁵ XIV: *International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p.52-53.

²⁶ Idem. p.130.

Contudo, não foram somente discussões sutis e argumentos polidos que marcaram essa nova situação, como bem evidencia a trajetória do destacado intelectual italiano Felipe Tommaso Marinetti (1876-1944), que catalisou as opiniões dos que defendiam a aliança entre intelectuais e políticos, assim como evidenciou as dificuldades a serem enfrentadas por uma associação que se propunha a englobar todos os escritores do mundo em seu programa.

Fillipo Marinetti e a política no P.E.N.

*This Congress, convened for purposes of literary rapprochement, of fraternal intercourse among writers of all races, had somewhat deviated from its primordial objects through the intrusion of politics – a sort of ivy which, clinging to the roughness and the crevices of a wall, ends by totally covering it.*²⁷

O trecho em destaque, retirado da fala do dramaturgo e presidente do centro brasileiro do PEN, Cláudio de Souza (1875-1954), defensor ferrenho dos ideais do clube e contrário aos casos de “*intrusion of politics*”, marca, nas atas do congresso, o desfecho de um longo debate, que desviou as atenções e teve início com o comportamento e as alegações do delegado e presidente do centro italiano do PEN.

Fundador do movimento futurista²⁸ e ferrenho defensor dos ideais fascistas, os escritos de Filippo Marinetti distinguiram-se pelo tom combativo – pode-se dizer mesmo belicoso. Apesar de suas intervenções pontuais, Marinetti manteve-se cordial durante os primeiros dias do encontro, no entanto, na terça-feira, 08 de setembro, a situação encontrou seu ponto de inflexão.

Seguindo a ordem estipulada para o dia, o escritor alemão Emil Ludwig (1881-1948) endereçou aos presentes um alerta a respeito da ameaça nazista que se espalhava pela Europa e da necessidade dos escritores se prepararem para o pior: “*Allow me to assert that quite soon these beautiful gardens will be surrounded, in other countries as well, by machine guns whose will certainly not point outwards*”.²⁹

Planejado como denúncia a respeito dos abusos cometidos pelos nazistas frente à cultura, Ludwig citou de passagem o fascismo, o que foi suficiente para que Marinetti, desrespeitando o funcionamento previsto, que não incluía a participação de novos debatedores

²⁷ XIV: *International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p.184.

²⁸ MARINETTI, F. T. Le Futurisme. *Le Figaro*, Année 55, n. 51, p.1, 20/01/1909. Disponível em: <http://visualiseur.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2883730> Acesso em: 15 Out. 2017.

²⁹ XIV: *International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p. 89.

naquela sessão, se dirigisse aos participantes em italiano, língua não incluída entre as quatro oficiais do evento (inglês, francês, alemão e espanhol), solicitando que o fascismo não fosse comparado ao nazismo, visto que, segundo o escritor, ao contrário da realidade alemã, não havia perseguição nem censura na Itália.³⁰

A despeito da manifestação, os trabalhos continuaram sem maiores incidentes até que, no final daquele período de debates, Carlos Ibarguren sugeriu para *Chairman* do período da tarde – função importante, que tinha a responsabilidade de coordenar os debates, indicar a ordem dos discursos, conceder ou negar permissão quanto à intervenção nas discussões, entre outros assuntos – justamente Marinetti. A despeito dos protestos por parte do público (“*demonstrations in the gallery*”),³¹ sua eleição foi aceita sem oposição por parte dos delegados presentes.

Após declarar aberto os trabalhos e ouvir o comunicado de Juan Pablo Echagüe (1875-1950) a respeito das questões de ordem do dia, Filippo Marinetti passou a palavra para Jules Romain, que fez questão de declarar, já de saída, sua discordância quanto à presença do delegado italiano na mesa diretora. Segundo Romain, há alguns dias circulava um texto que causava grande desconforto entre os presentes, sobre o qual ninguém se pronunciara em respeito aos ideais do clube e ao bom convívio, “*but the presence of the author of that text in the Chair compels me [Romain] to break silence*”.³²

O referido texto não se tratava de um panfleto de circulação interna, mas sim do programa da revista *Azione Imperiale*, periódico pró-fascismo, fundado naquele ano e na qual Marinetti participava como um dos diretores. Entre os onze pontos programáticos apresentados no exemplar inaugural da revista, Romain chamava a atenção para os seguintes:

1°- Italian pride, enhancing and stirring all beauty: Italian products and feelings, against every manner of friendship with foreigner.

2°- Scientific and practical preparation for war.

3°- Martial education of childhood, of adolescence, of youth.

[...].

³⁰ O discurso negacionista de Marinetti aparece na documentação do P.E.N. Clube internacional desde 1933, quando, durante reunião ordinária do Comitê Executivo do dia 16 de Janeiro daquele ano, fora recebida uma nota do escritor italiano a respeito do pedido de intercedência dos escritores na soltura de dois escritores presos pelo regime fascista. A fala, lida na reunião, consistia entre outros pontos, destacar que “[...] that the writers in question were not imprisoned for anything which they had written, but on account of their political activities” (Minutes of Executive Committee. 16 jan. 1933, p.2). Já em 1935, o mesmo Comitê discutia a ideia de que “the Italian Centre should be suspended if it supported the belligerent attitude of its President, Signor Marinetti” (Minutes of Executive Committee. 27 Nov. 1935, p.3).

³¹ Idem. p.101.

³² Idem. p. 104

11°- *To the Roman formulas: "si vis pacem para bellum", "audaces fortuna juvat", the following Italian formula must be added: "love of danger", "war, only true hygiene of the world".*³³

Como era de se esperar, o comentário gerou grande desconforto e discussão no recinto.³⁴ Na tentativa de reestabelecer a ordem, o delegado português, Fidelino Figueiredo (1888-1967), advertiu Romain de que uma das resoluções aprovadas naquele mesmo dia referia-se à manutenção da paz,³⁵ lembrando que o compromisso dos membros do PEN entrou em vigor a partir de então, sem efeitos retroativos, o que não permitia julgar a postura de Marinetti anterior à decisão.

De fato, a delegação italiana, tanto quanto as demais, subscreveu a resolução acerca da paz e Sophia Wadia, na tentativa de assegurar a boa convivência observada até então, "*as a colleague and as a friend, not as an accuser or a judge*", questionou Marinetti "*whether he really stands with us by the unanimous resolution we have passed. (Applause)*", para que o escritor pudesse falar em sua defesa. Sua resposta foi:

Mr. Marinetti – Ladies and Gentlemen

I have no objection to yielding to this request, but I absolutely reject anything that may mean an indictment of fascism, of Italy or of Marinetti.

*Refusing thus to admit that the writers who represent here the P.E.N. Club of France may be entitled to bring any kind of accusation against me, I have no objections to declaring that I hold to everything I have written, as applying to my country, that is, if the country I represent, Italy, happens to be in danger.*³⁶

³³ *Azione Imperiale*, Anno I, n. 1, Roma, agosto 1936, p. 1. Disponível em: <http://narratologie.revues.org/6740?file=1> Acesso em: 23 out 2017.

³⁴ O delegado brasileiro, Cláudio de Souza, assim escreveu a respeito do ambiente que se seguiu: "Seguiu-se um momento de confusão. Os delegados aplaudiam. Nas galerias estabeleceram-se uma tremenda gritaria em que se ouviam as mais variadas manifestações de ideais. Os delegados italianos Ungaretti e Piccuni protestavam em altos gritos contra as palavras de Jules Romain. Ungaretti perdeu completamente a linha. Em pé, gesticulando sem "controle", gritava estentoricamente: - *Canaglia de francesi! Villani!* e outras expressões que não se podem trazer a público. Os franceses, calmos, alinhados, não respondiam. O delegado holandês aproximando-se de Ungaretti gritava-lhe: - Não tem direito de usar essas expressões. Não pode ficar no recinto. Os delegados brasileiros Cláudio de Souza e Christovão Camargo, procuravam conter o delegado italiano. Ele, porém, a ninguém atendia. As campanhas potentes do Conselho Deliberante soavam, atoadoras. Parecia que a casa vinha abaixo. E tudo por que? Por uma moção de paz". O Congresso Internacional dos P.E.N. Clubs: nova correspondência de Cláudio de Souza. *Jornal do Commercio*, Anno 109, n. 305, p. 5, 23/09/1936. A respeito da repercussão do debate na imprensa brasileira ver: BARROS, Orlando de. *O pai do futurismo no país do futuro: As viagens de Marinetti ao Brasil em 1926 e 1936*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

³⁵ A resolução em questão destacava que: "*The XIV International Congress of the P.E.N. Clubs gathered in Buenos Aires, after having adopted the text of an appeal to the governments and to the peoples, imploring them to do everything in their power to safeguard peace, which is now threatened, expects from all writers who belong to this International Association that they attune their attitudes and writings to the spirit of peace that underlies this message; and requests its executive committee to inform the respective national centers of any individual failures, and eventually to apply such measures as may become necessary*". Idem. p. 100-101.

³⁶ *XIV: International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p.107.

Apesar de deixar clara sua luta estrita em defesa da Itália fascista, não se observa tal retórica no texto em debate, pois, como apresentado no último ponto do programa, o escritor e seus companheiros de publicação acreditavam que a guerra serviria não apenas ao seu país, mas que era uma ação importante para todo o mundo.

A questão atingiu então o seu clímax, com os diferentes posicionamentos expostos claramente, o que deixava a arena pronta para o debate e o enfrentamento. Contudo, o escritor italiano, nas atribuições que lhe cabiam como *Chairman*, impediu a réplica de Romain e deu por encerrada a discussão (“*No conclusions had been reached*”).³⁷ É importante notar que justamente nesse momento as fontes oficiais do PEN, ou seja, a publicação que deu conta dos discursos e debates ocorridos no congresso, os relatórios oficiais do secretário e o boletim do centro londrino, intitulado *PEN News*, silenciam.

Ao utilizar de frases vagas como “*demonstrations in the gallery*”, ou “*An uproar followed this speech and it was some time before order was restored*”,³⁸ o registro oficial absteve-se, de fato, em documentar os debates políticos e ideológicos travados durante o congresso, as posições adotadas por seus participantes e, principalmente, suas consequências para o evento.

Quando o escritor Emil Ludwig expôs a situação vivida pelos escritores na Alemanha, referindo-se à queda de 45% na produção de livros nos últimos dois anos no país e ao fato de que “*that nearly all German artists appreciated in the whole world are either imprisoned or in exile at present, while none of the authors recognized by the Third Reich is known outside its borders*”,³⁹ Louis Piérard (1886-1951), escritor belga e *Chairman* da sessão em questão, reservou-se apenas a dirigir ao discursante um comentário de pesar, encerrando por ali o assunto.

Demonstrava-se assim os esforços e ações paliativas por parte da associação em busca de manter a imagem do clube apartado do debate político a qualquer custo, tanto pela administração, como por parte de seus membros, ação dificilmente sustentável naquele contexto. Bem diferente parece ter sido o clima no Congresso de 1948, isso a se acreditar na nota trocada entre o centro brasileiro do PEN e a sede internacional, segundo a qual o evento tratou “quase exclusivamente assuntos literários, diferindo assim esse Congresso dos dois

³⁷ Fourteenth International Congress of the P.E.N. – Buenos Aires: 5-16 Sept., 1936. *PEN News*, n.82, oct. 1936, p.8.

³⁸ *Idem*.

³⁹ *Idem*. p.86.

últimos, que, devido às consequências da guerra, foram forçados a ocupar-se de assuntos políticos atinentes à profissão”.⁴⁰

Conclusão

Seguindo a análise de Jean-François Sirinelli, “o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam” (SIRINELLI, 1996, p. 248), mas que

A atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente papel decisivo. Isto, alguns poderão objetar, se aplica a toda microssociedade. Mas, de um lado, esse peso da afetividade adquire uma significação específica, num meio teoricamente colocado sob o signo da clarividência, e cuja garantia aos olhos do resto da sociedade, é saber jugular suas paixões, a serviço exclusivo da Razão. De outro lado, a imbricação das tensões devidas aos debates de ideias e desses fatores afetivos desemboca talvez, em alguns casos, numa patologia do intelectual” (SIRINELLI, 1996, p. 250).

Cabe aqui destacar o percurso do PEN Clube como instituição e a dificuldade para se manter aos ideais de afastamento da política, como evidencia particularmente a reunião anual realizada em Buenos Aires. Das especificidades literárias, à atuação intelectual nos diferentes regimes políticos, os debates do Congresso de 1936 atestam a impossibilidade da sonhada neutralidade intelectual frente aos processos e eventos que atravessavam as primeiras décadas do século XX. A crise política enfrentada pelas democracias liberais e as propostas e ações das correntes autoritárias em relação à cultura tornavam vazias as propostas do PEN, que começava a perder o controle de seus centros, criados com autonomia na esperança de que a busca por um ideal seria suficiente para agregar a todos, independentemente da conjuntura de cada nação.

Essa neutralidade tanto reforçava a imagem do intelectual puro, desvinculado de interesses menores e comezinhos, quanto procurava isentá-los das responsabilidades diante dos desafios que enfrentavam. As tensões constantes, cujo ápice ocorreu no congresso de 1936, são indícios dos limites de um projeto que não tinha condições de se efetivar no mundo do entre guerras, ainda que tenha contado com defensores.

Aliás, pode-se perguntar se tal projeto poderia ser realizado, mesmo em circunstâncias menos dramáticas, sem colocar em questão a própria noção de intelectual, que comporta, desde o caso Dreyfus, a noção de participação ativa e de intervenção no espaço público. Nos anos 1930 e 1940, parecia cada vez mais difícil precisar, tal como ocorreu no episódio do capitão,

⁴⁰ PEN Records. Letters: P.E.N. Brazil. Harry Ransom Center – University of Texas at Austin.

de que lado se encontrava a verdade e a justiça, temas tão caros aos que defenderam o militar e que agora assumiam diversas formas. Sem a possibilidade de apontar uma verdade única, problema que já denunciava Julien Benda, o PEN, como instituição, apostou numa neutralidade incoerente, como demonstrado, visto que seus membros, parte viva da instituição, perseguiram e defenderam eles próprios suas próprias verdades.

Bibliografia:

BARROS, Orlando de. *O pai do futurismo no país do futuro: As viagens de Marinetti ao Brasil em 1926 e 1936*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BROWN, Jonathan. *A brief History of Argentina*. Facts On File, 2003.

DUMONT, Juliette. *L'Institut International de Coopération Intellectuelle et le Brésil: le pari de la diplomatie culturelle*. Collection "Chrysalides", n°4, éditions de l'IHEAL, 2008.

POTTER, Rachel. Modernist rights: International PEN 1921-1936. *Critical Quarterly*, vol.55, no.2, p.72-73.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

SOUZA, Letícia Pumar Alvez de. Por uma ciência universal: a atuação de intelectuais brasileiros no projeto de cooperação intelectual da Liga das Nações (décadas de 1920 a 1940). In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. ANPUH. São Paulo, julho 2011.

ZOLA, Émile. *J'accuse: a verdade em marcha*. Porto Alegre: L&PM, 2010.